

# APRESENTAÇÃO

---

## LITERATURA E OUTRAS ARTES

O interesse pelas relações entre a escrita literária e as demais linguagens artísticas vem de longe. Muito antes de o termo ‘intermedialidade’ difundir-se por meios jornalísticos e acadêmicos, teóricos da antiguidade já apontavam para a intrínseca relação da poesia com a música (Aristóteles) ou com as artes plásticas (Horácio). Da antiguidade ao contemporâneo, o que se destaca, mais do que um simples conjunto de relações entre linguagens estanques e cristalizadas, é uma interpenetração profunda e constante por meio da qual cada modalidade de linguagem se reconfigura ao mesmo tempo em que é, ela própria, reconfigurada pelas demais. Por vezes, a dificuldade de se superar os modelos de representação (de si e do outro) e o anseio pela renovação da própria ideia de representação forneceram estímulos decisivos para a aproximação e o cruzamento das várias linguagens artísticas. No âmbito das literaturas em língua portuguesa, destaca-se o fato de que tal interpenetração ocorreu em meio a processos de colonização que ora mobilizaram o fazer artístico em prol do ideário colonial e ora o fizeram em contraposição a esse mesmo ideário. O presente número da revista *Abril* tem como objetivo apresentar um variado número de contribuições que discutem as relações entre a literatura e as outras linguagens artísticas em Portugal e nos Países africanos de língua oficial portuguesa. Como se verá, trata-se de um leque amplo de contribuições que abrem pistas para que o debate sobre o tema seja aprofundado.

Abre o número o ensaio “O oceano índico, espelho de afetos e memórias na filmografia de Lara de Sousa: reflexões sobre cinema e literatura”, de Carmen Lúcia Tindó Secco, que, a partir dos documentários *Fim* e *Kalunga*, de autoria da jovem cineasta moçambicana Lara Sousa, apresenta uma reflexão acerca de alguns rumos do cinema moçambicano hoje. Em *Fim*, a ameaça da morte do pai, o consagrado cineasta Camilo de Sousa, faz Lara

reavaliar utopias e o cinema-ação que caracterizou a atuação cinematográfica paterna no processo de descolonização de Moçambique. Em *Kalunga*, a memória dos poemas da tia-avó, Noémia de Sousa, propicia o repensar crítico de um oceano “Índico de desesperos e revoltas”.

Em “Literatura e cinema: a tradução cinematográfica num poema de Paula Tavares”, Luana Estefany da Silva Leite e Raíra Costa Maia de Vasconcelos investigam as formas de (re)escritura de elementos artísticos semióticos dentro do texto literário de Paula Tavares, que utiliza recursos poéticos e cinematográficos potencializando os sentidos no texto analisado. Pelo viés da teoria semiótica, as autoras, partilhando da ideia de que os textos artísticos possuem linguagem própria, a partir de suas próprias regras e demandas, mas que interagem com outros sistemas culturais, propõem investigar como se constrói a manutenção do diálogo entre culturas.

A seguir, Luciana Brandão Leal, em “A poesia pictórica de Virgílio de Lemos & seus heterônimos: ecos simbolistas e impressionistas em traços de vanguarda”, apresenta uma leitura da poética do escritor moçambicano Virgílio de Lemos, considerando os traços pictóricos presentes em sua escrita ortônima e na de seus heterônimos, que remetem a deslocamentos por estéticas artísticas – sobretudo pela literatura, música e pintura – constituindo-se em uma proposta semiótica e intertextual com estéticas predominantes no final do século XIX, como o Simbolismo e o Impressionismo. Esses trânsitos revelam uma potencialidade de criação e o imaginário de um poeta vertiginoso, cujas propostas representam um movimento de vanguarda no cenário literário predominante em Moçambique no período colonial.

Renata Cristine Gomes de Souza, em “Sentidos da marginalidade: uma leitura espacial de *Os Marginais e outros contos* a partir da obra de Hélio Oiticica”, evocando a exploração polissêmica do termo ‘marginal’ na obra visual de Hélio Oiticica, analisa a sobrevivência de elementos de ordem colonial no contexto de marginalidade em que vive boa parte dos protagonistas das narrativas de *Os marginais e outros contos*, do angolano João Melo.

Roberto Bezerra de Menezes, em “O grito de Goya em poetas portugueses: Sena, Amaral, Jonas e Braga”, nos mostra como alguns poetas evocam a importante tela de Francisco de Goya intitulada “Três de maio de 1808”, de 1814, num gesto dialógico produtivo para a poesia. Para tanto, o artigo analisa poemas de Jorge de Sena (“Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”), Ana Luísa Amaral (“Um pouco só de Goya: carta a minha filha”), Daniel Jonas (“Dos fuzilamentos da montanha do Príncipe Pío”) e Jorge Sousa Braga (“Cansados de estarem...”), que remetem diretamente à pintura de Goya, reverberando o seu grito mudo de diversas maneiras, tanto na condição de iconotextos quanto na de documentos culturais que se debruçam sobre o indivíduo na modernidade.

Paulo Alberto da Silva Sales, em “Poesia “Como Se”: intermedialidades em Patrícia Lino”, aponta para um estudo das referências intermidiáticas na escrita de Patrícia Lino, na qual cruzam-se as fronteiras entre mídias distintas (áudio, imagem, vídeo) com a poesia. Ao se valer de meios

específicos de mídias digitais e imagéticas, seus objetos-livros fazem surgir tanto o caráter “como se” das referências intermediáticas apropriadas quanto geram a ilusão de práticas específicas de outras mídias. Leem-se evidências dessas intermedialidades em *Anti-corpo. A parody on the laughable empire* (2019) e *I who cannot sing* (2020), criações com as quais a poeta provoca no leitor, por meio da ilusão, sensações de qualidades musicais, pictóricas e cinematográficas.

Karina Frez Cursino, em “Os modos de ver na obra de Fernando Namora: ressonâncias entre a literatura, a pintura e o cinema”, partindo dos encontros da literatura com outras produções artísticas em Fernando Namora e destacando, principalmente, a criação de imagens por meio das palavras, apresenta uma reflexão sobre alguns momentos da produção do autor em que o encontro interartístico ressoa em seus textos, trazendo para a literatura marcas e recursos de outras artes.

A seguir, Gabriel Franklin, em “Aprendendo a (pas)sasar: Saramago e a leveza”, ocupa-se da fase inicial de escrita de José Saramago a partir do atributo da Leveza, sendo esta entendida nos moldes desenvolvidos por Italo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio*, identificando a sua ocorrência no livro *Manual de pintura e caligrafia*, de Saramago. A partir desta identificação, demonstra-se que o *Manual*, escrito durante a retomada de Saramago do gênero romanesco, representa uma dupla escrita de crise, na qual autor e narrador passam por um processo de individuação de sua deserta existência e tentam superar seus insucessos anteriores através de uma escrita de si.

Por sua vez, Edson José Rodrigues Júnior, no seu “Cidade sem nome, homem sem face: escolhas e estratégias na adaptação fílmica de *O homem duplicado*”, partindo do controverso *Enemy*, filme hispano-canadense dirigido por Denis Villeneuve, que adapta o romance *O homem duplicado* (2002), de José Samarago, propõe, pelo viés das Teorias da Adaptação, uma leitura imanente pautada nos aspectos formais e temáticos das duas obras, que têm como centro a cidade moderna como espaço inquietante, sufocante e labiríntico que apequena os indivíduos e retira-lhes a identidade, em diálogo com o arquétipo cultural, literário e psicanalítico do duplo.

Mariana Caser Costa, em “O fino tecer de ‘retalhos variados’ em *Tocata para dois clarins*, de Mário Cláudio”, analisa o romance português, publicado em 1992, a partir do profícuo diálogo estabelecido entre a literatura e outras manifestações artísticas, com destaque para os “retalhos variados” (as várias artes) que o compõem, além de desenvolver, a partir da contemporaneidade das discussões por ele provocadas, uma reflexão sobre o papel da literatura na representação do real e nas possibilidades criativas de sua re-elaboração. Renunciando ao ineditismo de seu objeto de leitura, o artigo recupera textos do passado recente para realçar o caráter metalinguístico, autorreflexivo e (auto)irônico da produção literária portuguesa do pós-74, de que Mário Cláudio é representante.

Gabriel Dottling Dias, em “O des-velamento de Alice em *O fotógrafo e a rapariga*, de Mário Cláudio”, elabora uma leitura crítica da novela do autor português, publicada em 2015, levando em conta a construção da personagem Alice Liddell por meio de procedimentos que envolvem a questão da memória. O artigo tenta esmiuçar o elaborado jogo narrativo e intertextual que atravessa o texto. Através do desvelamento de Alice, procura-se entender como se dão seus desdobramentos no livro do autor português.

Por fim, Fabio Mario da Silva apresenta uma resenha de *Anticlericalismo e Feminismo na Imprensa Oitocentista: os artigos de fundo de Francisca de Assis Martins Wood*, de Cláudia Pazos Alonso. A obra resenhada analisa o caráter antecipatório da obra feminista de Wood, na qual se destaca, dentre outros aspectos, a crítica ao exíguo espaço intelectual reservado às mulheres na conservadora sociedade portuguesa do século XIX.

Boa leitura!

Livia Apa (CESAc- Università degli Studi di Napoli L’Orientale”)

Júlio Machado (Universidade Federal Fluminense)